

“Interacity”: Bricolagem de metodologias para a promoção de ambiências formativas com/o direito à cidade universitária da UFRRJ

3

Felipe Mariano¹
Edméa Santos²

Resumo

Neste estudo apresentamos o "InteraCity", desenvolvido enquanto dispositivo metodológico, para promover ambiências formativas que proporcione compreender como os praticantes reconhecem o direito à Cidade Universitária da UFRRJ. Constituído através da bricolagem metodológica entre Ciberpesquisa-formação (Santos, 2014, 2019 e 2020a) e “ComVivência Pedagógica” (Garnier e Guimarães, 2017 e 2018). O “InteraCity” utiliza como quadro teórico para dialogar de forma multirreferencial (Ardoíno, 1998) a partir de um rigor outro (Macedo, 2020) na perspectiva da auto, hétero e eco-formação (Nóvoa, 2004; Josso, 2007) para ampliação dos conhecimentos sobre direito à cidade (Lefebvre, 1991) a partir da Cidade Universitária (Pinto e Buffa, 2009) da UFRRJ. Desta maneira podemos compreender a emergência do direito à cidade através da criação de ambiências formativas em uma formação para/com o direito à Cidade Universitária da UFRRJ.

Palavras-chave

InteraCity; ComVivência Pedagógica; Ambiências formativas; Direito à cidade; Ciberpesquisa-formação.

Recebido em: 27/12/2023
Aprovado em: 23/12/2024

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc), Área de Concentração Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

E-mail: mariano.geografia@gmail.com

² Professora Titular-Livre da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista PQ do CNPQ. Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ. Atua no Instituto de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC).

E-mail: edmeabaiana@gmail.com

"Interacity": Bricolage of methodologies for the promotion of formative environments with/the right to the university city of UFRRJ

Abstract

In this study, we present the "InteraCity", developed as a methodological device, to promote formative environments that provide an understanding of how practitioners recognize the right to the University City of UFRRJ. Constituted through the methodological bricolage between Cyberresearch-training and "Pedagogical Experience". "InteraCity" uses as a theoretical framework to dialogue in a multi-referential way (Ardoíno, 1998) from a different rigor (Macedo, 2020) from the perspective of self, hetero and eco-formation (Nóvoa, 2004; Josso, 2007) to expand knowledge about the right to the city (Lefebvre, 1991) from the University City (Pinto and Buffa, 2009) of UFRRJ. In this way, we can understand the emergence of the right to the city through the creation of formative environments in a formation for/with the law.

Keywords

InteraCity; Pedagogical Experience; Formative ambiances; the right to the city; Cyber-research-training.

INTRODUÇÃO

As projeções para a população vivendo em áreas urbanas no mundo, segundo a ONU, apresentadas através do secretário das Nações Unidas, António Guterres é que: “As cidades sofreram o impacto da pandemia. As áreas urbanas já abrigam 55% da população mundial, e esse número deve crescer para 68% até 2050. Nosso mundo em rápida urbanização deve responder efetivamente a essa pandemia e se preparar para futuros surtos de doenças infecciosas”.

5

O atual período, que compreende emergências climáticas, conflitos informacionais, complexifica as leituras geopolíticas, sociais, econômicas e sanitárias no quadro mundial-local, em escala. Isso, nos remete ao papel formacional que a cidade possui nas diversas interações, linguagens e hierarquias que se multiplicam engendradas nas múltiplas realidades de poder e subjetividade. Como caracterizar esses espaços? Sistematizá-los a partir de conceitos ou conceituá-los a partir de seus estereótipos? Ou nada disso? O espaço urbano, o qual Harvey (2012) lança mão de discussões como o debate sobre “direito à cidade” de Henri Lefebvre (1991), para compreender o que chama de absorção de capital excedente no espaço urbano. Para Lefebvre (1991, p.14) a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso em detrimento do valor de troca, do espaço como mercadoria, subordinado pelo avanço industrial e a especulação imobiliária. Frente a isso alguns refúgios do valor de uso, como parques, praças e outros que (re)existem, virtualizam uma predominância e revalorizando o uso. Produz gentrificação e desigualdades diversas, para além, muitas outras violências em prol da sua finalidade. Das expressões estruturais, da organização das estruturas das cidades, em forma e estética, que passa pelo espraiamento horizontal ou verticalização das áreas urbanas. Dos símbolos que estabelecem as concessões e regras do Estado até as criações estabelecidas pela *práxis*.

Enquanto interação dos sujeitos na produção dos espaços estruturais e subjetivos das áreas urbanas, como produções artístico-culturais, códigos de sobrevivência, condutas de vestimenta e outros sinais verbais e não verbais.

Sob este contexto a atualidade da realidade técnica e cultural se expressa através das marcas criadas pela emergência do meio técnico-científico informacional

(Santos, 2006) que se consolida formal e informalmente nas mais diversas áreas da vida. Tempos acelerados, em que formamos e nos formamos em hipermobilidade e ubiquidade, em contexto de cibercultura. Santos e Santos (2011, p.172) indicam que o período das novas redes técnicas permitem a circulação de ideias, mensagens, pessoas e mercadorias em um ritmo acelerado. Isso, permite a criação de interconexão entre os lugares de maneira síncrona, mesmo que se perpetuam de forma diacrônica no espaço.

A partir dos novos usos de artefatos e interfaces, Santaella (2013, p.1), aponta que os equipamentos móveis, geolocalizados, tornam-se computadores miniaturizados, conectam com pessoas em quaisquer lugares do mundo, que se tem acesso, permitindo alcance a um número infinito de informações. A isso, atribui a condição da hipermobilidade que cria espaços fluidos, múltiplos, não apenas no interior das redes, mas em deslocamentos espaço-temporais realizados pelos indivíduos. Essa capacidade produz ubiquidade em uma realidade copresente, em seu espaço físico estabelecido pelo próprio corpo e também naquele o qual se conecta através de seus artefatos em conexão à rede.

Por isso, experimentamos a efemeridade das relações que podem estar ao alcance dos nossos dedos. Percebemos a fragilidade das nossas existências quando testamos o mundo ambiental e politicamente.

Sendo assim, este exercício, a criação do dispositivo “InteraCity”, viabiliza pensar a perspectiva formacional, a implicação e a construção de ações interativas, para pensar os processos construídos durante a formação acadêmica. Assim como utiliza conceitos, temas e discussões transversais entre a Ciberpesquisa-formação (Santos, 2005, 2014, 2019), a “ComVivência Pedagógica” (Guimarães e Garnier, 2017) que auxiliam na consolidação da proposta da pesquisa sobre o direito à cidade (Lefebvre, 1991) com/na Cidade Universitária da UFRRJ.

De modo que compreendemos Cidade Universitária de acordo com Atcon *apud* Pinto e Buffa (2009, p.13) ao elucidar que a universidade tradicional seria aquela em que faculdades autônomas são instaladas em grandes edifícios isolados em extensas áreas urbanas ou não. Contudo, ainda afirma que esta seria a aspiração das primeiras Cidade Universitárias, apartadas dos “vícios das cidades

tradicionais”, mas mantendo confortos e se constituindo um local privilegiado para o ensino e pesquisa.

Para apontar caminhos e construir reflexões, neste exercício interativo, mobilizar repertórios que conversam a partir da multirreferencialidade (Ardoíno, 1998) são fundamentais. Por isso, nosso objetivo é apresentar elementos que possibilitam interação com a perspectiva de formação com/na relação cidade-ciberespaço. Compreender de que maneira a criação de ambiências formativas híbridas viabilizam o direito à cidade e impactam na convivência e a produção espacial da/na/com a Cidade Universitária da UFRRJ. Assim como sistematizar o desenho metodológico do dispositivo e seus achados. Outras maneiras de fazer/pensar/ser na produção dos espaços e na formação dos sujeitos em busca da construção de uma reflexão para a formação cidadã.

A CIBERPESQUISA-FORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO DISPOSITIVO

Optamos por uma construção da metodologia a partir da ciberpesquisa-formação, criada por Santos (2005, 2014 e 2019) que atualizou o método da pesquisa-formação, em contexto de cibercultura, a partir de trabalhos, orientações e defesas de Mestrado e Doutorado através de uma pesquisa ética e longeva com o Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC) no Brasil.

Constituiu, a partir de análise multirreferencial, diálogo com a complexidade (Morin, 2007) e viabilizou a valorização do conhecimento comum (Santos, 2019). Dessa forma, vem atualizando com análises e trocas fecundas com autoras feminista e seus etnométodos como a escrevivência (Evaristo, 2011) de maneira decolonial (Ribeiro, 2017) e processo de formação, fundamentado nas perspectivas de Macedo (2010, 2011, 2022) e na experiência de Dewey (2010). Por isso, entendemos que a pesquisa-formação, como base desse processo é inerente a atualização para uma ciberpesquisa-formação que se conecta também a partir das relações de convergência de histórias de vida e formação (Josso, 2007 p.1), espaços em rede e metodologias que se preocupem com as demandas do atual, que reverberam a construção criativa e coletiva, de forma autoral, frente aos desafios da atualidade e seus fenômenos.

Para isso, foi necessário utilizar de seus recursos conceituais e metodológicos para a construção de ambiências formativas, virtuais ou híbridas. Utilizamos como recurso o SIGAA para organizar as reflexões, mediar os tópicos e registrar os rastros dos praticantes em uma interface que funciona de forma síncrona e assíncrona. Como recurso didático, a interface também serviu para registrar nosso desenho didático proporcionando previsibilidade e interação com diversas mídias inseridas através de links de vídeo, textos, sons e imagens.

Mobilizamos artefatos e interfaces em rede para construir nossa primeira ambiência formativa através dos fóruns e portfólios dispostos no SIGAA. Tudo isso, mediado, viabiliza a ampliação das interações assíncronas. Proporciona debate assíncrono do que foi feito, de forma síncrona no ambiente da sala de aula, e oportuniza os diversos praticantes a trazerem suas observações e falas para debates nos portfólios. Estes portfólios, também pessoais, não contam apenas com os registros dos praticantes, mas também com a intervenção da mediação da equipe pedagógica e dos outros praticantes, que comentam, enviam links e interagem com hipertextos. Criando um ambiente virtual de interação e formação, seja pelos links que possibilitaram acesso a outras informações disseminadas pelos praticantes, seja por suas narrativas de experiências com os encontros e trocas a partir das suas histórias de vida e formação.

Na construção da estrutura do dispositivo “InteraCity” em seu desenho metodológico foi necessário compreender que a ciberpesquisa-formação permeia todos seus processos, sendo o dispositivo, parte do construto da pesquisa. Relaciona a bricolagem de metodologias para formação docente na interação cidade-ciberespaço com/na Cidade Universitária da UFRRJ, no atual período. Temos como referência, para compreender a noção de dispositivo, alguns pensamentos que foram atualizados a partir de “uma organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto” (Ardoíno, 2003, p. 80 *apud* Santos, 2017, p.6), que se atualizam como “[...] dispositivos metodológicos que permitam que o objeto se desvele no contexto do campo da pesquisa”. (Santos, 2005, p. 143 *apud* Martins e Santos, 2019, p.40) e atualmente Santos (2022b) sinaliza que este é a “Inteligência pedagógica que se materializa em atos de currículos mediados pelo digital em

rede, na relação interativa *online* em interface cidade-ciberespaço, os dispositivos são autorias, experiências de ciberpesquisa-formação.”

Por isso, fazer/pensar com o “InteraCity” não se restringe apenas a compreender, mas viabilizar a construção de ambiências formativas para a promoção da formação com/na relação cidade-ciberespaço. Produzir desenho didático profícuo que estimule a interação dos praticantes no uso de artefatos e interfaces com os ambientes em uma conexão interseccional e ambiental, proporciona a sensibilização dos sentidos, ampliação de repertórios, desenvolvimento autoral de ambiências formativas a partir das transversalidades que se assumem na realidade práticas da existência na/com/pela relação cidade-ciberespaço.

A “COMVIVÊNCIA PEDAGÓGICA” COMO BALIZADORA DAS PRÁTICAS

Neste exercício, buscamos ampliar a compreensão da relação cidade-ciberespaço, já presente nos trabalhos de Santos (2014, 2019, 2020a) ao produzir a bricolagem metodológica com a “ComVivência Pedagógica” a partir da perspectiva Guimarães e Garnier (2017, 2018). Aqui utilizamos o termo grafado “ComVivência” dessa maneira, como forma de respeitar e atender a atualização da compreensão do fazer com, e experienciar as vivências culturais e territoriais com o outro, a partir das perspectiva que se integram a noção da vivência em seu meio e sob a sua perspectiva de cultura e existência.

Para Guimarães e Garnier (2017, p.14) um “reencontro com o natural” é a possibilidade do ser humano restituir seu ambiente vital, sua capacidade ancestral de sentir-se em comunhão com o todo, “ouvir” a natureza e se (re)encantar pela força conectiva da amorosidade, coabitando com outros seres e elementos do planeta. Uma proposta otimista que evoca uma libertação, tanto para si, como para a Terra, provocado pelos equívocos suscitados pelo descontrole, ganância e a prioridade pelos interesses econômicos.

Por isso, em consonância, na construção de formas outras de perceber a relação cidade-ciberespaço é que buscamos construir uma bricolagem teórico-metodológica que amplie a interação das perspectivas. Para desenvolver a partir

dos princípios formativos da “ComVivência Pedagógica” uma relação também desse “reencontro com o natural” com o/no espaço urbano.

A “ComVivência Pedagógica” segundo Guimarães e Garnier (2017, 2018) é uma proposta teórico-metodológica que busca compreender formas outras de fazer-pensar a relação com os ambientes, perceber e tensionar sobre o que é o natural e como ocorrem as trocas nos ambientes de acordo com as culturas que produzem os espaços. Propõe, pela radicalidade de experiências vivenciais de outros referenciais epistemológicos, o exercício da dialogicidade de novas relações conectivas com o outro e com o mundo. Se apresenta com princípios formativos, constituídos pelas Postura Conectiva, Reflexão Crítica, Intencionalidade Transformadora, Indignação Ética e Desestabilização Criativa.

10

A postura conectiva, base para o desenrolar do processo, sustenta uma postura “desarmada” daquilo que se pré estabelece como sabido e/ou compreendido, buscando minimamente abrandar os processos hierárquicos que se estabelecem nas relações de poder no ambiente ou nos afetos construídos. Estimulando uma amorosidade e acolhimento, com parceria, confiança e conexão com o outro.

A reflexão crítica, estabelece o contraditório, marca a capacidade de compreender a compreensão ou seja a forma como os praticantes se apropriam e percebem a interação, estabelecendo limites da crítica pela crítica e da crítica da razão que em certa medida pode nos “gatilhar” armadilhas paradigmáticas. De maneira que busque a superação a partir de uma reflexão-ação profunda para o “bem-viver” coletivo e socialmente sadio, frente aos parâmetros da razão eco-social.

Com isso, o movimento da reflexão-ação se dá por meio da indignação ética, que se apresenta como força motriz, deslocando o sujeito a partir da necessidade de transformação que a ética impõe. Busca superar a realidade opressora com a eficácia necessária para não causar violência. Para isso, há de se requerer uma intencionalidade transformadora como balizador das intenções de transformação mediante ao reconhecimento da vivência em uma sociedade desajustada que pretende construir um caminho mais viável que empenhe transformações coletivas. Construir alternativas, que exigem desestabilização criativa, com

implicação do/no processo, ao manifestar coragem para vivenciar e “criar” o novo.

A isso, devemos a capacidade transformadora de experienciar de forma autoral os processos, tecer novas vivências e observar a partir de outras perspectivas aquilo que nos parece banal. Criar uma ambiência formativa em uma práxis pedagógica de educadores ambientais em formação, na convivência com outros grupos humanos silenciados na modernidade.

A BRICOLAGEM METODOLÓGICA COMO POSSIBILIDADE

Para constituir nossa bricolagem, foi necessário estabelecer alguns parâmetros que proporcionasse consonância teórico-metodológica a respeito das metodologias implicadas. Por isso, compreendemos que a atualização da ciberpesquisa-formação enquanto perspectiva de vida e formação conversam diretamente com a proposta da “ComVivência Pedagógica” que também se apropria e atualiza de forma autoral a etnopesquisa com os grupos sociais em diferentes práticas culturais.

Macedo, Pimentel e Galeffi (2009, p.119) elucidam a partir da perspectiva de Lévi-Strauss que a pesquisa como bricolagem, enquanto conceito, surge a partir da complexidade e da imprevisibilidade do domínio cultural. Se constitui num ato incontornável e constante de autorização e inventividade, produzindo novas possibilidades, envolvendo sujeitos, o imaginário e a capacidade de inventar dispositivos de pesquisa.

Por isso, acionamos microdispositivos e com eles seus disparadores de conversas a partir de um desenho didático interativo, que na abordagem atualizada de Santos, Sales e Veloso (2022c, p.4) parte de uma conduta pedagógica que define desde o planejamento, a escolha das interfaces de comunicação e conteúdos, arquitetura das redes, situações de aprendizagem e metodologias, dispositivos e interfaces de avaliação e aprendizagem.

Com isso, nosso desenho didático surge da aventura pensada que criamos a partir da bricolagem com a “ComVivência Pedagógica”, estruturando as escolhas de

sensibilização, tema central, artefatos e interfaces que proporcionam diferentes formas de interagir com os praticantes, os espaços e os objetos para criar ambiências formativas que auxiliam na formação cidadã com/na Cidade Universitária da UFRRJ.

Constituímos as estruturas de acordo com a ciberpesquisa-formação, a partir de artefatos e interfaces conectadas em rede de maneira síncrona e assíncrona, que fizeram uma interlocução com as atividades interativas preconizadas pela relação com os princípios formativos da “ComVivência Pedagógica” como balizadores para a produção de ambiências formativas.

Viabilizar a habilitação de processos de auto, hétero e éco-formação com/na Cidade Universitária da UFRRJ emergiu da intencionalidade pedagógica constituída a partir das conversas e aulas ocorridas na disciplina de Política e Organização da Educação (POE), mediada pela Prof^a. Dr^a. Edméa Santos, enquanto matéria obrigatória dos cursos de licenciatura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, assim como cumprimento do estágio docente no ensino superior.

Perceber o momento formativo em contexto de retorno às práticas de circulação permitidas em um período pós-pandemia de COVID-19, assim como das práticas educacionais no Ensino Remoto Emergencial (ERE) são chave para compreender a implicação da construção dessa proposta.

Pois a bricolagem das metodologias sugere um processo de formação atual, interativo e implicado com as problemáticas atuais, de formação em contexto e das práticas ambientais para pensar o direito à cidade, assim como à Cidade Universitária da UFRRJ.

METODOLOGIA

Na construção do nosso dispositivo, o início se estabelece pela postura conectiva, base para o desenrolar do processo, que sustenta uma postura “desarmada” daquilo que se pré estabelece como sabido e/ou compreendido, buscando minimamente abrandar os processos hierárquicos que se estabelecem nas

relações de poder no ambiente ou nos afetos construídos. Para estimular a amorosidade e o acolhimento, com parceria, confiança e conexão com o outro, nossa primeira etapa é denominada “Sensibilização”.

Contudo, como nosso dispositivo está em contexto de formação dentro da disciplina da graduação, com estudantes do 5º e 6º período de diversos cursos, como Educação Física, História, Ciências Sociais e Letras. Contextualizamos o processo formativo salientando as relações encontradas nos documentos curriculares através das conversas pretéritas ao início do dispositivo. Dentro da discussão do desenvolvimento prático e curricular da educação no Brasil, o tema “direito à cidade” emergiu e pôde ser operado nas interações com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), assim como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), construídas a partir de um portfólio de debates que ocorrem síncrona e assincronamente através do SIGAA.

Interagindo com o escopo curricular que se apresenta na disciplina de Políticas e Organização da Educação, temas sobre inclusão, currículo escolar, diretrizes pedagógicas e críticas a projetos da escola, direito à cidade e sobre educação como um todo, no país, nos remeteu a percepção do *dentrofora*. Isso disparou conversas sobre os usos dos espaços da Cidade Universitária da UFRRJ, seus equipamentos públicos e espaços e quem fazia uso dos mesmos.

Nosso dispositivo se inicia com três atividades de sensibilização que exploram os princípios formativos da “ComVivência Pedagógica”, com a finalidade de preparar o debate e o caminhar ubíquo na cidade universitária a partir das experiências criadas com o ambiente e com as práticas de privação sensorial, navegação e constituição de uma noção de escala espacial através do filme “O menino e o mundo” do diretor Alê de Abreu (2013). Entendemos por caminhar ubíquo a noção apresentada por Santos (2020a, p.1) como ato de caminhar por territórios físicos em conexão com o ciberespaço, produzindo, registrando e significando dados de pesquisa-formação na cibercultura. Como ato forjado nos acontecimentos de aprendizagem e formação do pesquisador em relação direta com equipamentos culturais, pessoas e suas significações em movimento, territórios simbólicos. De modo a valorizar a interação efetiva do pesquisador na

relação *cidadeciberespaço* por meio de saberes urbanos, comunicacionais, pedagógicos, mobilizados com tecnologias digitais em rede.

Sobre os exercícios de sensibilização, cada etapa foi marcada pelo aprofundamento da postura conectiva e ampliação de uma reflexão crítica a partir das relações com os espaços, aquele que ocupamos e aquele que desenvolvemos histórias de vida e formação.

Sobre isso, vida e formação, Josso (2004) nos diz que o sujeito aprendente tem a formação no centro das narrativas da vida, opera com a contribuição para uma teoria da formação na perspectiva do sujeito aprendente e utiliza as histórias de vida como metodologia de pesquisa-formação.

14

Na primeira etapa da sensibilização, marcamos a desaceleração, dado o contexto sociotécnico e comunicacional, realizamos uma meditação com escuta sensível dos sons do ambiente e uma breve conversa sobre o que foi notado.

Na segunda etapa, passamos a ampliar a interação entre os praticantes, os objetos e o espaço, mediando conexões para projetar paisagens virtuais a partir da privação de sentidos como a visão e a audição, estimulando maneiras outras de perceber o espaço e os elementos do ambiente.

Após cada dinâmica, a conversa com e entre os praticantes que tiveram a privação e aqueles que estimularam as paisagens mediadas apontaram diferentes níveis para dificuldades sensoriais e concentração, para reconhecer as paisagens, assim como para, também, produzir estímulos que recuperasse memórias a respeito da paisagem apresentada como objetivo na rodada de interação.

No terceiro momento, após a dinâmica que se avolumou sensorialmente a partir da imersão que fizemos com meditação, auto reflexão e da interação com privação praticantes-objetos-praticantes, passamos a interagir na relação praticantes-espaço-praticantes em uma dinâmica de navegação, confiança e percepção do espaço do entorno.

Nos diálogos e conversas seguidos a dinâmica, muitos praticantes relataram o medo de não saber inicialmente qual caminho estavam percorrendo, passaram a sentir a diferença na temperatura do ar dentro e fora das áreas construídas e não construídas, os sons das falas de outras pessoas, da rua e o cheiro dos espaços também foram evidenciados e alguns chegaram a relacionar a dificuldade que tiveram a uma postura conectiva com a melhoria da sinalização das áreas para que pessoas com deficiência pudessem acessá-las de forma mais segura, como rampas entre as diferenças de níveis, piso tátil, informações exibidas nas diferentes línguas em mensagens e cartazes.

Quanto ao filme, quarta etapa do primeiro momento, sua estética de animação, com sonoridade e linguagem ímpar, articula saberes a respeito do reconhecimento do espaço e faz dura crítica social a mecanização do campo, ao fluxo migratório e a globalização e como isso afeta os lugares. Serviu como disparador de conversas sobre como os praticantes estavam vendo o mundo antes e após o confinamento. Também suas considerações e percepções a respeito do filme permitiram disparar conversas a respeito de como eles se sentiam nos lugares em que viviam e no espaço da Cidade Universitária da UFRRJ. Passaram então a construir uma segunda etapa onde não apenas registramos os locais georeferenciando suas áreas, mas passamos a cartografar com os praticantes todo o processo. De maneira que Kastrup (2007 p.15) nos aponta que é um método que visa acompanhar um processo, não representar um objeto. Investiga um processo de produção, não estabelece um caminho linear para atingir um fim, mas procura estabelecer pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo coletivizar a experiência do cartógrafo.

Sobre o processo de cartografia, buscamos construir sentido para aqueles espaços através dos microdispositivos que viabilizaram a construção de ambiências formativas através da escolha dos pontos na Cidade Universitária da UFRRJ. A partir de um mapa com auxílio da produção de duas nuvens de palavras como demonstrado nas imagens 1 e 2 a seguir.

Figura 1 – Nuvem de palavras utilizada como disparador



Fonte: Mentimeter (www.menti.com. Use o código 3646 0653)

16

Neste primeiro mapa mental trabalhamos o conceito do lugar enquanto espaço do cotidiano, das relações afetivas valorizadas pelos praticantes. Na imagem 2 temos uma segunda nuvem que nos permite registrar esses lugares a partir das conversas que estes dispararam.

Figura 2 - Nuvem de palavras como balizador de marcos iniciais



Fonte: Mentimeter (www.menti.com. Use o código 3646 0653)

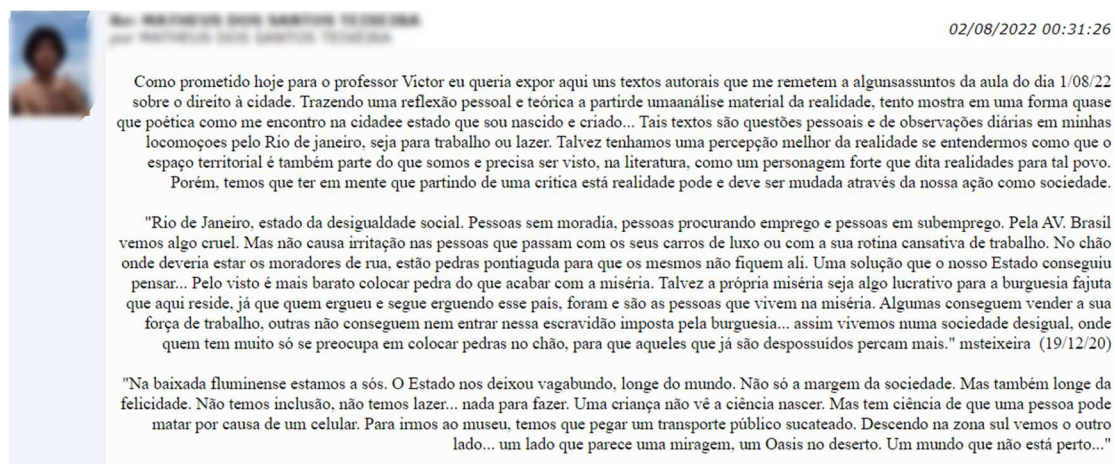
Essa atividade serviu como balizador para estabelecermos os marcos iniciais do processo de construção do hipermapa colaborativo da Cidade Universitária da UFRRJ. Nas suas narrativas os praticantes apresentaram histórias que experienciaram e que eram contadas a respeito dos espaços nomeados, trouxeram abordagens relevantes a respeito da preocupação com a segurança e a circulação dentro e fora do campus. Apresentando uma realidade de precariedade no entorno e dentro da própria Cidade Universitária passa a ser construído.

Enumeramos os pontos e decidimos dividir em grupos para atuar na construção de ambiências formativas através do hipermapa interativo, que nos traz uma dimensão de exploração do espaço com o caminhar ubíquo dos praticantes, para reconhecê-los e produzir camadas através de sons e imagens para a criação de um ambiente emulado e gamificado do ponto marcado no mapa.

Nesse contexto de formação acadêmica fomos oportunizados com a participação no IV e-DOC que ocorreu na UFRRJ de 25 a 29 de julho de 2022 se tornou uma oportunidade ímpar para ampliarmos nossos repertórios, formarmos e nos formarmos com sua agenda. Por isso, o encontro se tornou uma grande oportunidade que emergiu na produção do nosso dispositivo. De modo que convidamos os praticantes da pesquisa a participar e construir o encontro conosco e tornamos essa ambiência formativa parte do nosso desenho didático.

Após a participação no congresso, enquanto ambiência formativa do nosso processo, aprofundamos as experiências sensoriais para interação praticante-objeto e disponibilizamos uma aula teórica sobre direito à cidade, mediando as interações de forma síncrona através da aula expositiva, mas também de forma assíncrona nos portfólios e fóruns criados no SIGAA. Dessa mobilização, passamos a observar o aprofundamento das discussões teóricas dos praticantes a respeito do tema, assim como produções que emergiram de suas próprias práticas, como relata o praticante MS presente na imagem 3 a seguir.

Figura 3 - Portfólio do praticante MS



Fonte: SANTOS, Edméa. Desenho didático da disciplina Política e Organização da Educação

As falas do praticante MS na aula expositiva sobre direito à cidade sempre deram pistas de que a mediação do tema estava fazendo-o tomar consciência daqueles processos, não que ele não a tivesse, mas por tê-la passou a se apropriar ainda mais de um discurso denunciador a respeito do tema. Seja no seu trajeto, ou na sua trajetória até ali. Algo que fica evidenciado nesse registro, enquanto rastro deixado pelo praticante de forma assíncrona. Compara as situações que se encontram pessoas e espaço na sua circulação, elenca motivos que traduzem as disparidades produzidas e registra as ausências e desejos que existem naquele espaço que circula e vive.

Nosso hipertexto produzido para esta aula apresenta e contextualiza a emergência do tema “direito à cidade” e sua centralidade na discussão e promoção de ambiências formativas para um direito à Cidade Universitária.

Na etapa seguinte, iniciamos a nossa construção de narrativas com os praticantes em sala de aula. Mobilizamos os grupos a pensar nas informações e histórias que tinham para contar a respeito do ponto no mapa o qual haviam sido destinados. Saímos de maneira improvisada e com auxílio de outros colegas da equipe pedagógica do GPDOC para levarmos os praticantes até seus pontos a fim de registrarem cada etapa e com os registros emular os espaços virtuais a partir de suas narrativas, imagens e sons das áreas.

A partir desse momento os praticantes tiveram a liberdade de experimentar de forma assíncrona algumas interfaces para criação de camadas dos seus jogos de Escape, a serem inseridas em nosso hipermapa. Uma delas foi o Sistema aberto de Escape (SAE) uma oportunidade de compreender a partir do uso, como construir e produzir um “escape room digital”, esta interface criada pela professora Paula Carolei junto a seu orientando Gabriel Silva Bruno em 2021 e é aberta, como o nome sugere.

A outra foi o ThingLink onde são inseridas as imagens e emulam os espaços de acordo com a orientação dos praticantes.

Para sistematizarmos isso, promovemos um encontro em formato de oficina em que os grupos utilizaram celulares e notebooks próprios para criar na interface

ambientes virtuais que simulam os espaços marcados no hipermapa. Para isso, utilizamos das táticas e astúcias difundidas na oficina do IV e-DOC a respeito do site, que apresenta poucos recursos gratuitos quando usamos a versão para estudante. Isso viabilizou simularmos os espaços que cada grupo escolheu. Porém criou alguns problemas, visto que não ficam disponíveis por muito tempo ou tem acesso limitado.

Porém, antes da oficina mais um elemento atravessou nosso desenho didático e passou a compor nosso dispositivo enquanto emergência da Cidade Universitária. Os estudantes organizaram um ato para pedir a expulsão de um outro estudante da UFRRJ que em uma rede social foi acusado de cometer ato de racismo.

Em tempo, passamos a cartografar também aquela subjetividade constituída como manifesto. Concentração de estudantes, alguns praticantes se aproximam e passam a dialogar a respeito da situação: “Querem cobrar a expulsão do estudante da universidade, eu acho justo! Afinal como é que vai ser professor assim?” Algumas palavras de ordem, então puxei meu celular e comecei a transmitir ao vivo aquele momento. Outros praticantes que estavam a caminho comentaram que estavam chegando pra somar, outros seguidores nas redes sociais tentando entender o que estava ocorrendo.

Participamos do ato e registramos os momentos que seguiram da manifestação até a oficina. Antes de iniciarmos a oficina, tivemos um bate papo com os praticantes a respeito do ato e das questões a serem pensadas, na universidade como um lugar de formação e na construção do diálogo para a construção de medidas anti racistas.

Pensar e ser com o dispositivo e com os praticantes, mediante as emergências me fez perceber que o movimento surge de um princípio formativo como a indignação ética, contudo formar e se formar também exige uma postura comedida em determinados momentos para que possamos mergulhar com os sentidos, mas discernir para onde a correnteza pode nos arrastar.

Essas, são claramente, noções que emergem do campo para informar e formar os praticantes a partir de suas experiências e práticas na/com a cibercultura,

na/com a Cidade Universitária. Com isso, a produção de oficina, para além de um campo com um caminhar ubíquo, cheio de registros, auxiliam na percepção e no tom da narrativa a ser criada no jogo exploratório, elaborado pelos praticantes da pesquisa. Esses replicam e organizam suas rotinas no hipermapa, através de links e jogos de escape gravados nos links de acessos dos portfólios de seus grupos jogam e comentam sobre sua interação.

Figura 4 - Hipermapa interativo



Fonte: produzido com Google My Maps

Essa prática possibilitou e gerou diversos debates acerca da acessibilidade, segurança, deslocamento, cuidados ambientais, racismo, desigualdade social de maneira engajada e implicada no processo. O que nos traz o aprofundamento da discussão teórica a respeito do direito à cidade e possibilidades outras, de cidadania e formação. Viabilizou ambiências formativas profícuas e inovou metodologicamente com as interações e processos que criamos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

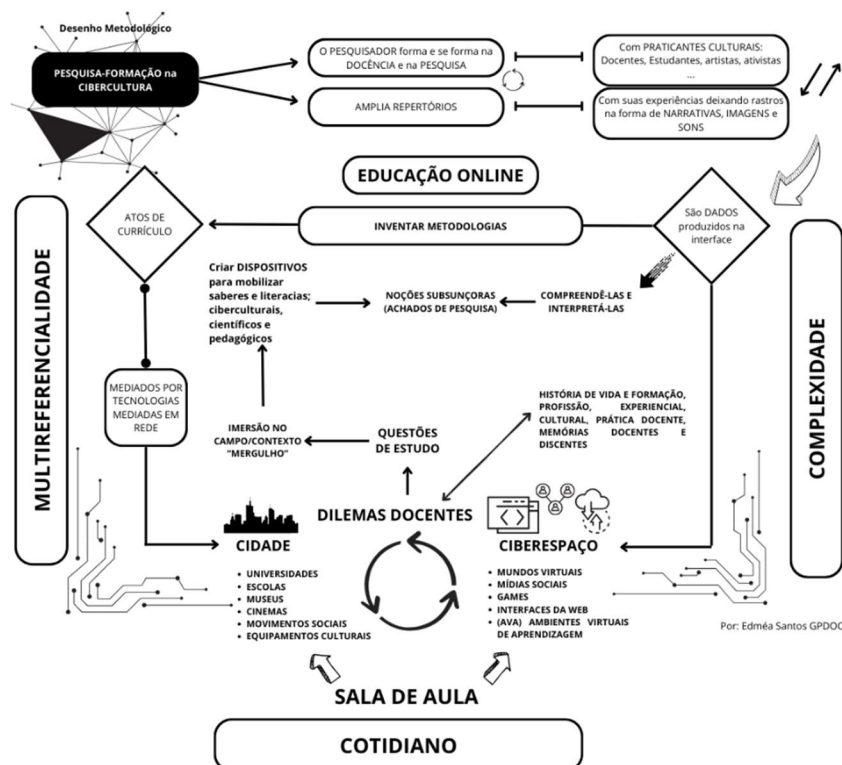
Como resultado desse processo, conseguimos compreender e viabilizar diferentes formas de fazer/pensar a construção de ambiências formativas elaborando estratégias que permitissem maior interação entre os praticantes, os objetos e os espaços.

Nessa estratégia, percebemos compreendemos que estar atento aos processos implicados oferecidos pelos princípios formativos colaboram para a percepção de si e do outro no processo de formação. Assim como a utilização de artefatos e interfaces conectados em rede permite interação síncrona e assíncrona construindo rastros de análise a partir de um rigor outro. De todo modo, auxilia na compreensão e avaliação dos constructos de pesquisa suas subjetividades e

possibilita a construção de um desenho didático orgânico, porque é fruto do processo de interação entre os praticantes.

Amplia a noção da eco-formação a partir do momento que a emulação de ambientes virtuais híbridos promove a formação com/na relação cidade-ciberespaço. Quanto ao desenho didático, constituído a partir das práticas, precisamos observar o desenho didático da ciberpesquisa-formação primeiro.

Figura 5 - Desenho Metodológico da Pesquisa-Formação na Ciberultura



Fonte: adaptado de Santos (2014, 2019)

De modo que para entender o que fazemos precisamos identificar como nos colocamos na atualização do método e nossos processos se estabeleceram a partir de dilemas docentes, dentro de uma relação de cidade-ciberespaço com a sala de aula, por isso atuamos neste recorte.

Figura 6 - Recorte do desenho didático sobre Pesquisa-Formação na Ciberultura



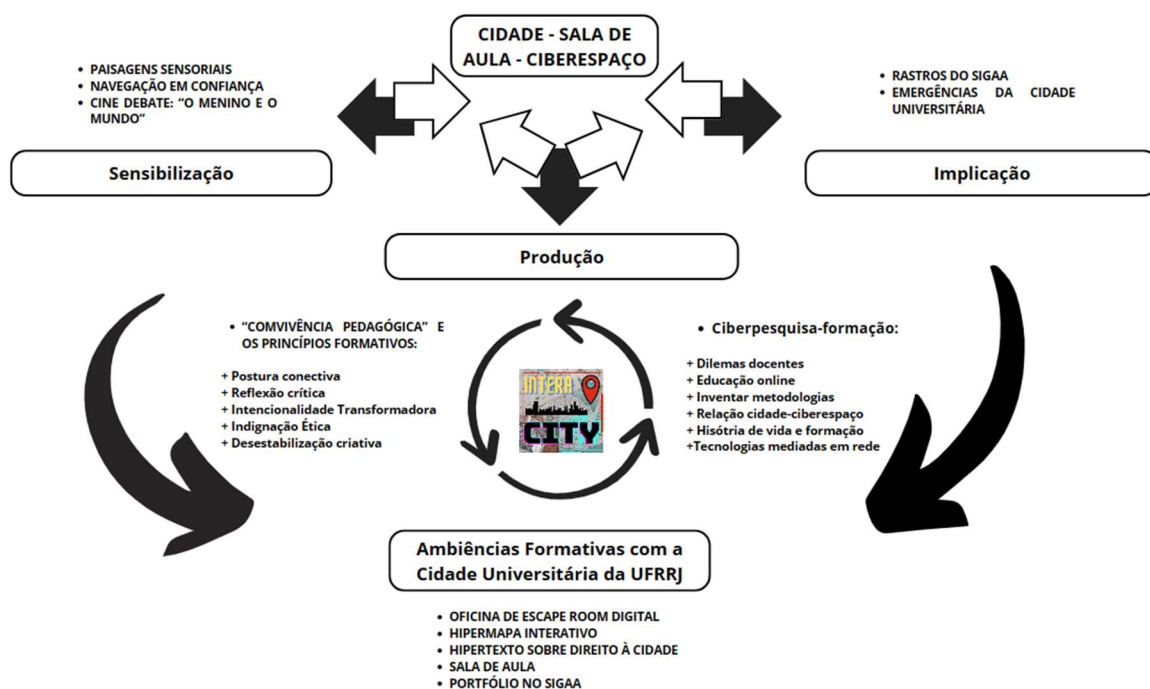
Fonte: Adaptado de Santos (2014, 2019)

Atuando na Cidade Universitária da UFRRJ utilizamos Interfaces da web, ava e games para produzir novas ambiências formativas para a promoção de um direito à Cidade Universitária. Viabilizado da seguinte maneira a seguir profícuo que estimule a interação dos praticantes no uso de artefatos e interfaces com os ambientes em uma conexão interseccional e ambiental, proporciona a sensibilização dos sentidos, ampliação de repertórios, desenvolvimento autoral de ambiências formativas a partir das transversalidades que se assumem na realidade prática da existência na/com/pela relação cidade-ciberespaço.

Por isso, constituir um desenho metodológico que viabiliza a produção de ambiências formativas na relação cidade-ciberespaço se tornou viável a partir da ciberpesquisa-formação que nos permite inventar metodologias que emergem com as práticas pensadas na construção do desenho didático.

De modo que oferece informações do campo a partir do fazer com os praticantes, os objetos e os espaços, torna a linguagem dos praticantes mais próxima porque a se constitui a partir, também, das suas práticas e amplia os repertórios porque mobiliza a autoria dos praticantes e a criatividade a partir daquilo que foi construído coletivamente com mediação e interação.

Figura 7 - Desenho metodológico do dispositivo “InteraCity”



Fonte: Produzido pelo autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de integrar pensamento e existência na cidade é complexo, enfrentando forças para realizar desejos e projetos. Reconhecemos o contexto da pesquisa e lutas, observando a cibercultura e sua influência na hipermobilidade. A construção de um dispositivo permitiu cartografar o processo, ampliando interações e aprofundando discussões teóricas. Nossa implicação visa superar práticas educacionais tradicionais, oferecendo alternativas para a formação com a cidade e a Cidade Universitária da UFRJ. Buscamos ampliar repertórios, incentivar a autoria e difundir metodologias no campo da formação de professores. A expansão das possibilidades no ensino de Geografia inclui cartografias e desenvolvimento de inteligência geográfica. Isso se estende ao ensino superior, educação básica, formação social e gamificação na cidade. Interagir com a cidade é movimentar, criar e produzir desenvolvimento, e envolver-se com o que construímos é relacionamento na Cidade Universitária como espaço de cidadania e interação. Fazer, pensar e ser na cidade enquanto processo contínuo de formar e se formar com o outro, consigo e com o espaço se mostra um desafio muito árduo. Frente a todas as forças que agem para articular seus desejos e executar seus projetos.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

- ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. (org.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998.
- GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B. Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. Revista Diálogo Educacional, v. 17, n. 55, p. 1574-1597, 2017.
- GUIMARÃES, M. Pesquisa e Processos Formativos de Educadores Ambientais na Radicalidade de uma Crise Civilizatória, 2018. Disponível em <<https://gepeadsim.files.wordpress.com/2019/08/guimaraes-m.-pesquisa-e-processos-formativos-de-educadores-ambientais-na-radicalidade-de-uma-crise-civilizatec3b3ria.pdf>> Acesso em 11 de abril de 2022 às 14:19.
- JOSSO, Marie Christine. Experiências de Vida e Formação. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- _____. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Revista Educação, v. 30, n. 3, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741> Acesso em: 23 set. 2022.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo In: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2009.
- KASTRUP, V.; PASSOS E. Cartografar é traçar um plano comum In: Dossiê Cartografia: Pistas do Método da Cartografia - Vol. II, Fractal, Rev. Psicol. 25 (2), Ago 2013. disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/nBpkNsJc6DrmsTtMxfRCZWK/?lang=pt>> acessado em 05/04/2023 às 09:20.
- MACEDO, Roberto Sidney; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador – BA: Edufba, 2009.
- MACEDO, Roberto Sidney. A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação. Salvador: EDUFBA, 2000.
- MACEDO, R. S. Atos de currículo, formação em ato?: Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação. Currículo e formação. Ilhéus,

BA: Editus, 2011.

MACEDO, Roberto S. A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária - Experiências transingulares com o método em Ciências da Educação. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020.

MARTINS, Vivian e SANTOS, Edméa. A educação na palma das mãos: a construção da pedagogia da hipermobilidade em uma pesquisa-formação na Cibercultura. In: App-Education : fundamentos, contextos e práticas educativas luso-brasileiras na cibercultura / Edméa Santos, Cristiane Porto, organizadoras. - Salvador : EDUFBA, 2019.

[MARTINS, Vivian](#). Pedagogia da hipermobilidade: formação, movimento, conexões e comunidades integradas. *Rev. Diálogo Educ.* [online]. 2023, vol.23, n.77, pp.793-808. Epub 15-Ago-2023. ISSN 1981-416X. <<https://doi.org/10.7213/1981-416x.23.077.dso9>>

NÓVOA, Antonio. Prefácio. In: JOSSO, Marie Christine. Experiências de Vida e Formação. São Paulo: Cortez Editora, 2004, p.11-34.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; SANTOS, Rosemary dos. AMBIÊNCIAS HÍBRIDAS-FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO ONLINE: DESAFIOS E POTENCIALIDADES EM TEMPOS DE CIBERCULTURA. *Revista Docência e Cibercultura, [S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 1–13, 2018. DOI: 10.12957/redoc.2018.30589. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/30589>. Acesso em: 6 nov. 2023.

SANTAELLA, Lúcia. Por que nos tornamos ubíquos? 2013. Disponível em: <https://sociotramas.wordpress.com/2013/08/12/por-que-nos-tornamos-ubiquos/> Acesso em: 20 de outubro de 2022.

_____. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Edméa; SILVA, Marco. O desenho didático interativo na educação online. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 49, p. 267-287, 2009.

SANTOS, Edméa Oliveira dos; OKADA, Alexandra Lilavati Pereira. O diálogo entre a teoria e a empiria: mapeando noções subsunçoras, com o uso de software, uma experiência de pesquisa e docência em EAD Online. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 25, p. 5-15, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://abed.org.br/congresso2004/por/htm/147-TC-D2.htm>> Acesso em: 11 ago. 2023.

SANTOS, Edméa. Educação online : cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. – 2005. 351 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação disponível em <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11800>> Acesso em 02 de outubro de 2023.

SANTOS, Edméa. Educação *online* como dispositivo na ciberpesquisa-formação. In: Revista Tecnologias na Educação – Ano 9 – Número/Vol.20 – Edição Temática IV– Congresso Regional sobre Tecnologias na Educação. 2017. Disponível em: <<http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2017/10/Art9-vol.20-Edi%C3%A7%C3%A3o-Tem%C3%A1tica-IV-Outubro-2017.pdf>> Acesso em: 05 de novembro de 2022.

_____. Educação *online* como dispositivo na ciberpesquisa-formação. 2017 in <<http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2017/10/Art9-vol.20-Edi%C3%A7%C3%A3o-Tem%C3%A1tica-IV-Outubro-2017.pdf>> Acesso em 5 agosto. 2022.

_____. Pesquisa-formação na cibercultura. Teresina: EDUFPI, 2014, 2019. _____. S237c O caminhar na educação [recurso eletrônico] : narrativas de aprendizagens, pesquisa e formação 1 / Edméa Santos, Leonardo Rangel. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020a.

_____. EAD, palavra proibida. Educação *online*, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, agosto de 2020b, *online*. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>>. Acesso em: 03 novembro. 2022.

_____. Pesquisa-formação na pós-graduação em tempos de pandemia: experiências de produção e análise de dados. In: Le@dTalks “Research in digital time - Investigar na era digital”, Universidade Aberta de Lisboa, Portugal, 2022b.

SANTOS, Edméa. SALES, Kátia e Veloso, Maristela. Portfólio online no desenho didático da Pós-graduação Stricto Sensu. In: O ensino da didática na formação de professores, 2022c. Disponível em:

<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/30200/17577> Acessado em 02/11/2022 às 14:00

SANTOS, Milton, 1926-2001 A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e

Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)